



FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE

GLENDA LEANE CORTEZE SOARES

**A LITERATURA E O CINEMA COMO RECURSO NA ELABORAÇÃO DO
LUTO INFANTIL**

ARIQUEMES - RO

2021

GLENDAL EANE CORTEZE SOARES

**A LITERATURA E O CINEMA COMO RECURSO NA ELABORAÇÃO DO
LUTO INFANTIL**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Psicologia da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, como requisito parcial à obtenção do grau de bacharel em Psicologia.

Profa. Orientadora: Ma. Natalí Máximo dos Reis

ARIQUEMES - RO

2021

GLENDAL EANE CORTEZE SOARES

**A LITERATURA E O CINEMA COMO RECURSO NA ELABORAÇÃO DO
LUTO INFANTIL**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Psicologia, da Faculdade de Educação e Meio Ambiente como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Orientadora Ma. Natalí Máximo dos Reis
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

Profa. Ma. Jessica de Sousa Vale
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

Profa. Esp. Katiúscia Carvalho Santana
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

Ariquemes, novembro de 2021.

FICHA CATALOGRÁFICA
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

| |
|---|
| <p>S676l Soares, Glenda Leane Corteze. A literatura e o cinema como recurso na elaboração do luto infantil. / Glenda Leane Corteze Soares. Ariquemes, RO: Faculdade de Educação e Meio Ambiente, 2021. 56 f. ; il. Orientador: Prof. Ms. Natalí Máximo dos Reis. Trabalho de Conclusão de Curso – Graduação em Psicologia – Faculdade de Educação e Meio Ambiente, Ariquemes RO, 2021. 1. Luto. 2. Psicoterapia Infantil. 3. Cinema. 4. Literatura Infantil. 5. Luto infantil. I. Título. II. Reis, Natalí Máximo dos.</p> <p style="text-align: right;">CDD 150</p> |
|---|

Bibliotecária Responsável
Herta Maria de Açucena do N. Soeiro
CRB 1114/11

DEDICATÓRIA

Dedico aos meus anjos: à minha mãe, luz da minha vida e meu anjo na terra; e ao meu pai, meu herói e meu anjo no céu.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter me abençoado com tanto; por não ter me abandonado nem nos momentos em que eu me afastei Dele. Agradeço por não ter me deixado desistir, por ter me trazido de volta ao curso que eu amo. Agradeço por seu amor e por se fazer presente nos detalhes da minha vida. Agradeço por ter tantas pessoas a agradecer. E eu faço questão de agradecer, porque eu sou dessas. Vou começar agradecendo à minha orientadora Natalí Máximo dos Reis, que além de uma profissional extraordinária, é um ser humano incrível, que esteve ao meu lado nesta caminhada, que sempre acolheu minhas angústias e não desistiu de mim. Obrigada! Agradeço a minha linda e enorme família, que é meu suporte, a minha vida, minha razão para continuar sempre. Ao meu pai, Isaias Soares, que não estará presente fisicamente quando eu realizar mais este sonho, que sempre me ensinou tanto, que sempre foi uma fortaleza, que lutou e se manteve alegre até o fim, que mesmo com sua ausência física, continua a me ensinar, seu amor estará comigo para sempre. Obrigada, paizinho amado. Agradeço a minha mãe, Roseli Corteze, que é o amor em forma humana. Obrigada, mãezinha, por acreditar mais em mim do que eu mesma, por cuidar tanto de mim, por nunca medir esforços por nós, por todos os cafezinhos, por tantas orações e tanto amor nos dias em que eu pensava que não iria conseguir. A você todo meu amor e gratidão. Se eu estou me formando, é porque tive você ao meu lado. Aos meus, pasmem, SETE irmãos... obrigada, e eu faço questão de falar o nome de todos vocês. Fabiana, Brenda, Alvaro, Nyck, Paloma, Gustavo, Caio. Obrigada por serem a leveza nos dias mais difíceis, obrigada por serem tão incríveis e presentes, obrigada por todo amor, por acreditarem sempre em mim, obrigada pelo humor peculiar, obrigada por serem uma ponte para a minha infância. Eu amo cada um de vocês, de um jeito que eu nem sou capaz de expressar, vocês são meu orgulho, e eu sou apaixonada pela nossa união. Cada um de vocês tem um lugar de honra reservado no meu coração. Alvinho e Brenda, obrigada pelo suporte emocional e financeiro durante essa jornada, eu sinceramente não teria conseguido sem ter a mão de vocês para segurar em tantos momentos. Obrigada Sirlei, minha madraستا maravilhosa, você foi fundamental. Muito obrigada por tanto. Obrigada aos meus maravilhosos (as) cunhados e cunhadas, vocês são demais. Obrigada aos meus sobrinhos lindos, inteligentes e fofos: Murilo, Lara, Cíntia e Gabi; por serem parte da minha inspiração nesse trabalho e na vida. E obrigada por iluminarem tudo. Eu sou

perdidamente apaixonada por vocês. Obrigada a todos os meus amigos, que foram fundamentais, que vibraram comigo quando eu consegui voltar para a psicologia e que juntaram os meus caquinhos sempre que foi preciso. Aos meus amigos das “antigas”, que já estão na minha vida há tanto tempo, e que já passaram por tantas coisas comigo, que eu nem sou capaz de expressar a minha gratidão: Mayara, Nubia, Mari, Dani, Lourena e Max, e também às minhas amigas que apareceram durante esta caminhada, cuja intensidade da amizade faz parecer que já conheço desde sempre: Jay e Jéssica (neguinha). Eu amo todas vocês, de coração! Agradeço ao meu “clã” incrível da faculdade, um verdadeiro presente que o universo me deu: Juliana Quimas; Stéfany Araújo; Ana Paula Saraiva; obrigada por serem minhas irmãs de coração. Cada uma com seu jeitinho único e especial, sempre tão divertidas, tão incríveis, tão vocês. Eu amo muito cada uma e amo a nossa cumplicidade. Tudo foi mais divertido e mais intenso com vocês ao meu lado; obrigada ao meu amigo Adriano pela amizade, sinceridade, e até por este senso de humor diferenciado; A todos os meus amigos de classe, vocês foram a turma mais divertida e acolhedora. Foi um prazer imensurável trilhar esse caminho com vocês. Agradeço à faculdade FAEMA. À coordenadora Yésica Nunez, por todo acolhimento e ensinamentos; aos professores que me inspiram tanto, não só a nível profissional, mas também como seres humanos incríveis, a quem eu faço questão de destacar: Ana Claudia Yamashiro, Carla Patrícia Rambo, Hans-Muller e Fabiula Amorim. Que privilégio ter vocês na nossa formação: À minha banca examinadora: Jéssica Vale e Katiuscia Carvalho, a admiração que eu tenho por vocês é imensa, obrigada por tudo e principalmente por partilharem o amor pelas animações. Ao excelente professor Pedro Octávio, que apareceu no finalzinho, mas foi fundamental, com maestria e muita sensibilidade me ajudou a estabelecer o foco desta pesquisa. E por último, um agradecimento super especial e de coração, à minha maravilhosa psicóloga Gabriele Pacheco. Obrigada por caminhar ao meu lado, por me incentivar a ser quem sou, por me ensinar tanto. Você me inspira mais do que eu posso expressar.

Lembre de mim

Hoje eu tenho que partir

Lembre de mim

Se esforce pra sorrir

Não importa a distância

Nunca vou te esquecer

Cantando a nossa música

O amor só vai crescer

Lembre de mim

Mesmo se o tempo passar

Lembre de mim

Se um violão você escutar

Ele, com seu triste canto

Te acompanhará

E até que eu possa te abraçar

Lembre de mim.

(Kristen Anderson - Lopez Robert Lopez Viva: a vida é uma festa)

RESUMO

Diante da perda de um ente querido, é comum se deparar com sentimentos e emoções conflitantes. Se para o adulto o luto é dificultoso, para a criança tende a ser extremamente confuso. Assim sendo, é essencial que o luto seja elaborado de forma saudável. Ao se trabalhar com uma criança enlutada, é essencial que o psicólogo aja de forma empática e acolhedora, utilizando-se de recursos que possam facilitar o processo. Neste sentido, o presente trabalho objetiva apresentar as possibilidades de utilização de obras literárias e cinematográficas como recurso terapêutico no processo de elaboração do luto infantil, a partir de uma perspectiva analítica comportamental. A principal finalidade foi demonstrar que o uso do cinema e da literatura no contexto clínico pode ser uma possibilidade valiosa. Para tanto, a metodologia utilizada foi a análise documental de dois livros voltados para o público infantil e três animações cinematográficas. Através destas análises, concluiu-se que o uso desses recursos na clínica infantil é válido, pois permite que as histórias contadas nas obras sejam interpretadas pelas crianças, possibilitando um entendimento de como o processo foi vivido pelos personagens, oportunizando a elaboração do próprio luto.

Palavras-chaves: Luto; Psicoterapia infantil; Cinema; Literatura infantil

ABSTRACT

Faced with the loss of a loved one, it is common to encounter conflicting feelings and emotions. If mourning is difficult for an adult, for a child it tends to be extremely confusing. Therefore, it is essential that mourning is done in a healthy way. When working with a bereaved child, it is essential that the psychologist act in an empathetic and welcoming way, using resources that impede the process. In this sense, this work aims to present the possibilities of using literary and cinematographic works as a therapeutic resource in the process of elaborating child mourning, from a behavioral analytical perspective. The main one was demonstrated that the use of cinema and literature in the clinical context can be a valuable possibility. Therefore, the use used was the documental analysis of three books aimed at children and three cinematographic animations. All these analyses, it is concluded that the use of these resources in the children's clinic is valid, as it allows the stories told in the works to be interpreted by the children, enabling an understanding of how the process was experienced by the characters, providing opportunities for the elaboration of their own mourning.

Keywords: Grief; Child psychotherapy; Movie theater; Children's literature

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1: Animações escolhidas para a pesquisa

Quadro 1: Livros escolhidos para a pesquisa

Quadro 3: Análise funcional de “Up: Altas aventuras”

Quadro 4: Análise funcional de “Viva: A vida é uma festa”

Quadro 5: Análise funcional de “O rei leão”

Quadro 6: Análise funcional de “O vovô não vai voltar”

Quadro 7: Análise funcional de “Harvey: Como me tornei invisível”

Quadro 8: Análise funcional de “Mas por quê? A história de Elvis”

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 12 |
| 2 OBJETIVOS..... | 15 |
| 2.1 OBJETIVO PRIMÁRIO | 15 |
| 2.2 OBJETIVOS SECUNDÁRIOS..... | 15 |
| 3 METODOLOGIA..... | 16 |
| 4. AS REAÇÕES FRENTE À MORTE..... | 18 |
| 4.1 Luto | 18 |
| 4.1.1 Estágios do luto | 19 |
| 4.2 Luto infantil | 22 |
| 5 UTILIZAÇÃO DO CINEMA E DA LITERATURA NA CLÍNICA ANALÍTICO COMPORTAMENTAL..... | 26 |
| 5.1 ANÁLISES DAS OBRAS CINEMATOGRAFICAS | 28 |
| 5.1.1. Up: altas aventuras | 28 |
| 5.1.2 Viva: a vida é uma festa | 32 |
| 5.1.3. O Rei Leão | 36 |
| 5.2 ANÁLISE DAS OBRAS LITERÁRIAS | 40 |
| 5.2.1 O vovô não vai voltar | 40 |
| 5.2.2 Mas por quê? A história de Elvis | 45 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 48 |
| REFERÊNCIAS..... | 50 |

1 INTRODUÇÃO

Você acha que os mortos que amamos realmente nos deixam? Você acha que não nos lembramos deles ainda mais claramente em momentos de grandes dificuldades? O seu pai vive em você, Harry, e se revela mais claramente quando você precisa dele.

Alvo Dumbledore (ROWLING, 1999, p.313)

No livro “Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban”, o terceiro livro da saga, há um trecho onde Harry conta ao diretor Alvo Dumbledore, que em um momento muito difícil, teve a impressão de ter visto seu pai, já falecido, e imediatamente, se repreende, por medo de ser julgado ou visto como louco. O diretor, ao ouvi-lo, não invalida o que o garoto relata, pelo contrário: reforça o espaço ocupado pelo pai na vida de Harry. Neste breve trecho, o leitor depara-se com uma criança que fala sobre seu falecido pai, exemplificando um dos processos mais delicados da existência humana, a perda de um ente querido.

Ao lidar com uma criança que vivencia uma perda, é essencial que os seus sentimentos sejam acolhidos. Worden (1998) afirma que é necessário não somente um entendimento sobre a morte, isto é, uma comunicação adequada, mas também é essencial validar as emoções, estar aberto a falar sobre o assunto sempre que a criança sentir necessidade, além de encontrar formas carinhosas de lembrar-se da pessoa que morreu, deixando claro que a pessoa, embora já não pertença ao convívio, sempre ocupará um espaço importante na vida da criança.

Ao analisar brevemente este diálogo, observa-se que muitas reflexões podem surgir, o que permite entender a literatura e o cinema como recursos extraordinários, que permitem trabalhar de maneira sensível e leve, temas difíceis e delicados como o luto. A este respeito Bettelheim (1980), afirma que os personagens de uma história ilustram simbolicamente os conflitos internos e mostra como esses conflitos ocorrem e como podem ser resolvidos.

Desta forma, pretendeu-se trabalhar o potencial contido em algumas obras cinematográficas e literárias que abordam a temática, a fim de demonstrar a importância destes recursos num contexto terapêutico para a elaboração do luto infantil, sob o olhar da análise do comportamento. Foram escolhidas duas obras

literárias e três obras cinematográficas. De acordo com Batista (2016), a utilização de filmes e outros recursos de entretenimento permitem obter informações completas sobre contingências envolvidas nos comportamentos da criança, o que possibilita um planejamento e implementação de intervenções apropriadas e assertivas para cada caso.

Sendo assim, discutiu-se a respeito de como a criança entende a morte, buscando investigar como este momento delicado é capaz de afetá-la, e de que maneira o processo pode ser vivido de forma mais saudável, através da utilização do cinema e da literatura em um contexto terapêutico. Oliva *et al.* (2010) asseguram que tais recursos podem melhorar a comunicação entre o paciente e o terapeuta, possibilitando uma compreensão aprofundada da personalidade deste paciente, a fim de transformar seu comportamento. Portanto, a pergunta problema desta pesquisa é: de que forma o cinema e a literatura podem ser utilizados no contexto clínico analítico comportamental para a elaboração do luto infantil?

Esse tema sempre chamou a atenção da pesquisadora. Porém, diante de uma perda pessoal extremamente difícil e dolorosa, o olhar para essa questão ganhou um novo contorno, em especial, ao observar a maneira como as crianças lidaram e lidam com tal perda. Trata-se de um tema muito necessário que é geralmente evitado; logo, o trabalho possui grande relevância por trazer à tona um conteúdo valioso e difícil, que visa demonstrar que a literatura e o cinema podem ser utilizados neste processo, como um importante recurso terapêutico ao se trabalhar com crianças. Diante da inevitabilidade da morte, torna-se essencial que o assunto seja discutido e que haja pesquisas no campo da psicologia voltadas a esta questão, possibilitando, num contexto clínico, opções para se trabalhar este processo com as crianças, visando a elaboração saudável do luto, além de promover discussão e reflexão a respeito do tema, que é considerado um tabu.

A este respeito, Coutinho (s/d) enfatiza que ao fazer da morte um tabu, cria-se uma sociedade despreparada para lidar com o luto. Além disso, a referida autora assegura que é preciso respeitar e entender o tempo de elaboração do luto de cada um. Quando se trata de crianças enlutadas, é preciso ter ainda mais tato, oferecendo suporte a esta criança e permitindo que ela expresse seus sentimentos. Neste aspecto, os filmes e os livros desempenham um importante papel. Sobre a

possibilidade de utilização dos livros, Caldin (2003), afirma que não existem obras de arte que se desviem do contexto da vida real. O livro tem um grande papel social e permite que as crianças percebam fortemente a realidade ao seu redor. Em vista disso, a análise de livros fornece grandes reflexões que podem ser utilizadas em vários contextos, permitindo que, através do personagem, a pessoa vivencie seus conflitos e compreenda várias questões.

Na análise fílmica, de acordo com Penafria (2009), o objetivo é esclarecer a função de um determinado filme e fornecer uma explicação, ou seja, compreender a informação e seu significado simbólico, propondo uma interpretação. Nesse sentido, Lunardelli e Pimenta (2020) apontam que, por ser um produto da criação humana, o cinema tem o objetivo de desafiar quem o assiste.

Desta forma, o trabalho buscou demonstrar que a utilização do cinema e da literatura é uma ferramenta inestimável no ambiente terapêutico, pois permite o manejo de temas difíceis como o luto, de uma forma sensível e lúdica. Para tanto, o trabalho estrutura-se da seguinte forma: Na primeira parte, apresenta-se uma pesquisa bibliográfica com alguns conceitos a respeito do luto, o luto infantil, as fases do luto; Posteriormente é apresentado as obras que trazem a temática, com uma breve resumo de cada obra e logo em sequência são realizadas análises funcionais a respeito do processo de luto vivenciado, abordando os principais comportamentos apresentados e a forma como o luto foi elaborado ao longo da história e por último sugere-se algumas formas de intervenção clínica baseadas no cinema e na literatura.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO PRIMÁRIO

Investigar a utilidade/relevância de obras cinematográficas e literárias como recursos terapêuticos na clínica analítica comportamental.

2.2 OBJETIVOS SECUNDÁRIOS

Analisar como as obras escolhidas retratam o processo de luto;

Identificar os comportamentos dos personagens que passam por um processo de luto;

Discorrer sobre o luto infantil sob o olhar da psicologia;

Dissertar sobre a utilização do cinema e da literatura no contexto clínico.

3 METODOLOGIA

A principal finalidade do estudo foi demonstrar a possibilidade de utilização do cinema e da literatura no trabalho terapêutico do luto infantil. Para isto, foi realizada uma análise documental, em articulação com uma pesquisa bibliográfica para embasar o tema proposto. De acordo com Gil (2009), a modalidade da pesquisa documental é bastante parecida com a pesquisa bibliográfica, no entanto, tem objetivos mais específicos. É um estudo acerca de conteúdos diversos, com o propósito de trazer respostas qualitativas ou quantitativas sobre determinado tema.

A pesquisa documental utiliza fontes mais diversas e dispersas, sem análise e processamento, como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotos, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de TV etc. (FONSECA, 2002). No caso deste trabalho, as análises foram feitas a partir de cinco obras, sendo duas literárias e três cinematográficas, todas voltadas ao público infantil, tentando compreender a mensagem por trás de cada obra e analisando os comportamentos apresentados pelos personagens.

Buscou-se demonstrar que estes materiais podem ser importantes recursos terapêuticos e que podem ser utilizados com êxito. Os quadros abaixo contêm as obras que foram analisadas neste trabalho acadêmico.

QUADRO 1: Animações escolhidas para a pesquisa

| TÍTULO | ANO DE LANÇAMENTO | DIRETOR(ES) | PRODUTORA |
|--------------------------|-------------------|-----------------------------|---------------------------------|
| Up, altas aventuras | 2009 | Pete Docter | Disney |
| Viva: a vida é uma festa | 2018 | Adrian Molina e Lee Unkrich | Pixar Animation Studios (Pixar) |
| O Rei leão | 2019 | Jon Favreau | Disney |

Fonte: elaborado pela pesquisadora

QUADRO 2: Livros escolhidos para a pesquisa

| TÍTULO | ANO DE PUBLICAÇÃO | AUTOR(ES) | EDITORA |
|----------------------------------|--------------------------|---|----------------|
| O vovô não vai voltar | 2015 | Aline Henriques Reis e Carmem Beatriz Neufeld | Sinopsys |
| Mas por quê? A história de Elvis | 2008 | Peter_Schossow | Cosac & Naify |

Fonte: elaborado pela pesquisadora

Para a realização desta pesquisa, recorreu-se primeiramente à pesquisa bibliográfica, buscando apresentar os principais conceitos sobre a temática do luto infantil. Posteriormente, investigou-se sobre a utilização do cinema e da literatura como recursos terapêuticos sob a perspectiva da análise do comportamento. Na sequência, buscou-se selecionar as obras literárias e cinematográficas, voltadas ao público infantil. Cada uma destas obras aborda um aspecto relevante acerca do processo de luto. As análises feitas por meio da perspectiva da psicologia analítico comportamental contemplaram as histórias contadas, os principais comportamentos dos personagens, seus conflitos diante de uma perda e como o luto foi elaborado. Para finalizar, apresentou-se possibilidades de intervenções clínicas baseadas no uso do cinema e da literatura.

4. AS REAÇÕES FRENTE À MORTE

4.1 Luto

A morte é inevitável, uma vez que, ainda que a medicina e a tecnologia avancem, o homem não conseguiu atingir a imortalidade. Por conseguinte, o luto é um processo pelo qual todo ser humano terá que enfrentar em algum momento de sua vida. Quando se fala em morte, de imediato são evocados sentimentos fortes de tristeza e perda.

Conforme aponta Rodrigues (1983), o homem é único, o falecimento implica na aniquilação da sua existência em sociedade. Desta forma, a morte é uma perda, pois, ao perder alguém que se ama, se perde também o papel que aquele indivíduo representava, o olhar daquela pessoa sobre os demais. Mesmo diante de algumas culturas e religiões, onde não há perda espiritual, há a perda do convívio.

Neste sentido, Worden (2013) afirma que o luto é um processo universal que resulta da perda de um objeto de apego. Esta perda produz uma série de sentimentos e comportamentos, que têm o objetivo de reajustar e restabelecer a relação com o objeto perdido, pois esta perda deixa um vazio. É como se, ao montar um quebra cabeça, uma peça se perdesse para sempre, deixando a figura incompleta.

De acordo com Martin e Pear (2013), o impacto do luto será definido segundo o repertório comportamental de cada indivíduo, uma vez que, o comportamento humano depende de uma série de fatores, e as reações frente a uma perda são diferentes de pessoa para pessoa. Para Torres (2010, p. 390), “as reações à perda tendem a ser excessivas quando os reforçadores positivos da vida do enlutado dependiam do falecido para serem produzidos”. Isto significa que essas reações são mais intensas quando o enlutado dependia da pessoa que morreu, seja em termos emocionais, financeiros etc.

De acordo com Nascimento *et al* (2015) cada vivência do luto é única e será afetada por diferentes condições e aspectos, tais como: quem é a pessoa falecida; a natureza da conexão com o falecido, contexto histórico; variáveis de personalidade; variáveis sociais, idade, entre outros.

Vários autores (WORDEN, 2013; BOWBLY, 1990; RODRIGUES, 2014; POLLOCK, 1961; TORRES, 2010) se debruçaram sobre a questão do luto e os seus significados e conceituações, e a maioria entende o processo de luto como algo necessário, que precisa ser vivenciado. De acordo com Pollock (1961), trata-se de uma resposta adaptativa frente à perda de um ente querido, logo, é um processo de garantia da sobrevivência diante da dor causada por esta separação. Por sua vez, Hoshino (2006) conceituou como um processo natural e esperado de enfrentamento. Parkes (1998) caracteriza-o como um processo, e não um estado, que envolve uma sucessão de quadros clínicos.

É importante observar que o processo de luto e seus significados variam de acordo com a cultura, enquanto algumas culturas ou religiões encaram a morte como o fim, outras a entendem como uma passagem. Na cultura ocidental, a morte é encarada como sinônimo de perda, com muita tristeza, já na cultura oriental é celebrada e entendida como uma passagem normal. A respeito dos rituais, Kovács (2008) destacou que independentemente do tipo, sua importância é inquestionável, pois é uma estratégia que promove aceitação, fazendo com que o indivíduo se despeça, facilitando a elaboração. Convém ressaltar que silenciar a morte não evita que haja sofrimento.

4.1.1 Estágios do luto

Muitos estudiosos debatem a respeito de como o luto é vivenciado, e se há ou não, uma sequência nas fases vivenciadas por uma pessoa enlutada. Neste sentido, um estudo muito conhecido conduzido pela psiquiatra Kubler-Ross (1996), assegura que o luto possui cinco estágios, sendo eles: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação.

O primeiro estágio é a negação. Esta reação frente a morte é muito comum. Em casos de perdas repentinas, a primeira reação de quem recebe a notícia é acreditar que a notícia é uma mentira, uma brincadeira ou um mero engano. A negação funciona como um "pára-choque" depois do impacto de ter recebido a informação de morte (KÜBLER-ROSS, 1996). Por ser uma defesa temporária, a

aceitação ganha espaço aos poucos no decorrer da fase de negação (KÜBLER-ROSS). Entretanto, alguns indivíduos ficam por muito tempo, neste estado.

O próximo estágio é o da raiva. Quando a aceitação começa a tomar espaço no processo, junto dela vem o sentimento de raiva. Questionamentos como "porque isto está acontecendo?" "Por que ele (a)?" são comuns na fase da raiva. O indivíduo questiona o porquê de isto ter acontecido com a pessoa em questão, porque não com outra pessoa, que em sua cabeça "merece" a morte mais do que a pessoa que acaba de perder. A fase da raiva pode ser tão difícil de lidar quanto a negação, pois pode se projetar por todo o ambiente e atingir as pessoas ao redor, exigindo um nível maior de empatia para lidar com os comportamentos raivosos (KÜBLER-ROSS, 1996).

Na fase da barganha o indivíduo percebe que ter comportamentos explosivos não vai ajudar a reverter a situação. Por isso, nesta fase do luto, os pensamentos para reverter o acontecido assumem o espaço no enfrentamento da morte: fazer promessas, pactos, receber graças e milagres que possam adiar ou reverter o acontecido (KÜBLER-ROSS, 1996).

O período posterior é a depressão. Consciente de que as "barganhas" anteriores não teriam nenhum sucesso, o indivíduo entra na fase de tristeza profunda. Choro, isolamento, pensamentos sobre sua própria vida e o morrer, percepção da ausência da pessoa acometida pela morte em sua vida e questionamentos sobre o curso que sua própria vida levará sem ter a outra presente (KÜBLER-ROSS, 1996).

O último período é o da aceitação: quando o processo de lamentação profunda é suavizado, abre-se espaço para uma reorganização dos sentimentos e acontecimentos envolvidos na morte. Nesta fase, o indivíduo passa a projetar sua vida e seus afazeres na ausência da outra pessoa, sem necessariamente perder seu laço afetivo com ela, e sim adaptando sua nova realidade (KÜBLER-ROSS, 1996).

Para John Bowlby, que também conduziu um estudo elencando os estágios do luto, em 1990, estes estágios dividem-se em 04, são bastante semelhantes aos estágios definidos por Kubler-Ross, sendo eles:

- Entorpecimento: caracterizado pelo susto, o choque inicial pelo qual indivíduo é submetido ao receber a notícia da perda de alguém. De acordo com o autor, neste estágio a negação é presente e estas reações podem perdurar de algumas horas a semanas, a depender de cada indivíduo;

- Anseio: nesta fase, o enlutado tem forte desejo de recuperar a pessoa falecida. Para Bowlby (1990) a fase é fortemente marcada pelo impulso de trazer o ente querido de volta à vida. A fase é marcada por inquietação, pela espera de que a pessoa realmente apareça. O enlutado tende a sonhar com a pessoa que perdeu.
- A desorganização e o desespero: esta fase é decorrente da aceitação da morte, e por isso, são observadas expressões de raiva e tristeza nesta etapa. É comum que o enlutado dirija a sua raiva ao falecido, alimentando a ideia de que foi abandonado por este.
- A reorganização: nesta última fase, embora o enlutado sinta saudade e tristeza, ele vai aos poucos se estruturando. De acordo com o autor, o indivíduo tende a ir, aos poucos, “se adaptando às modificações causadas pela perda” e desta forma, pode ir gradativamente retomando suas atividades e funções, pois a aceitação vai ganhando espaço. Esta aceitação, conforme assegura Bowlby (1990), é um processo longo que pode percorrer em todos os estágios, em menor ou maior grau, se fazendo presente parte do tempo e outra não, porém, como um último estágio, considera-se aqui a aceitação total da morte

Entretanto, de acordo com Rabelo (2020), em um vídeo a respeito da ciência do luto, o psicólogo problematiza os estágios do luto, de acordo com ele, a ideia apresentada nestes estágios é contestável. Para embasar seu ponto, Rabelo cita um estudo feito por Barrett e Schneewis, em 1981, acerca dos estágios da viuvez, onde se constatou que 90% das pessoas que haviam perdido seus cônjuges não viveram as fases descritas no estudo de Kubler-Ross. Para o autor do vídeo, o luto é muito particular, logo, os estágios descritos restringem as emoções e sensações sentidas nestes momentos de perda, e tentar impor isso a alguém pode causar culpa na pessoa enlutada, por não se identificar com os estágios, pois cada um vivencia o luto de uma forma.

O autor aponta o fato de que, ao conduzir o estudo, a psiquiatra Elizabeth Kubler-Ross estava estudando a forma como os pacientes reagiam frente aos diagnósticos de doenças terminais, e não ao luto propriamente dito. Outro ponto observado é a questão cultural, visto que, em determinadas culturas, a morte é encarada como um evento a ser celebrado. A este respeito, Santos (2003), aponta a

cultura Mexicana, que entende a morte como o começo de uma nova vida, e não como o fim, logo a reação diante da morte varia também, de acordo com a cultura.

Assim sendo, de acordo com o exposto, convém entender que a vivência destes estágios varia, e que cada ser humano irá passar pelo luto de uma maneira única. Todavia, os estágios são importantes norteadores ao entender este processo, visto que, alguns dos sentimentos são comuns à maioria das pessoas que perdem alguém.

4.2 Luto infantil

O luto é um processo doloroso e difícil. As pessoas tendem a fugir dos sentimentos e emoções aos quais são submetidos durante esta vivência. Há diversos conflitos, resultando em comportamentos que dificultam a elaboração do luto. No caso das crianças o momento pede ainda mais atenção, pois ocorre que os adultos tendem a ocultar a verdade ou dar explicações superficiais, ocasionando em inúmeros prejuízos a vida da criança, que acaba não sabendo lidar com o sofrimento.

Os adultos tendem a oferecer explicações vagas, omitindo alguns fatos das crianças, por entender que pode ser muito traumático ou ainda que a pouca idade impeça a compreensão. Entretanto a criança, ainda que não consiga ter a compreensão total do que está acontecendo, consegue entender a morte. Teixeira (2003, p. 08) afirma que “a criança vai construindo o conceito de morte juntamente com o desenvolvimento cognitivo”. Logo, é um equívoco tentar ocultar ou silenciar a morte para a criança.

Conforme Aberastury (1984), quando um adulto se recusa a esclarecer verbalmente a morte, está perturbando o primeiro momento de luto da criança, que é aceitar que alguém se foi para sempre. Explicações como ir para o céu, viajar a negócios, ficar doente, voltar logo etc. resultam em confusão, dor e frustração permanente para as crianças e atrapalham todo o processo de conhecimento.

"A ausência se faz mais dolorosa e conflitiva. Entra em luta uma convicção do que aconteceu que é percebido pela criança, e o que o adulto lhe relata" (ABERASTURY, 1984, p.132) Assim sendo, ao oferecer essas explicações vagas, mesmo que a intenção seja proteger a criança da dor, o adulto estará lhe causando

mal em longo prazo e privando essa criança de vivenciar o luto e elaborar de forma saudável.

É importante compreender que as crianças não entendem como os adultos. Conforme indica Bakhtin (2000), a criança, diante de uma perda, tende a pensar que as pessoas que morreram podem voltar a viver a qualquer momento, podem fazer visitas. Além disso, as crianças podem usar a fantasia para mostrar uma compreensão irreal da morte. Desta forma, é essencial que o adulto comunique a morte de forma adequada e escute o que a criança tem a dizer.

Segundo Hisatugo (2000), a dificuldade de falar sobre a morte está diretamente relacionada à nossa cultura, pois a morte representa a perda, o abandono, o medo e o desconhecido. Da mesma forma, os sentimentos causados pela morte são difíceis de falar, pois é preciso "falar com o coração" (HISATUGO, 2000, p. 16). Entretanto, é necessário ter diálogos esclarecedores com a criança, e falar sobre a perda e sobre a pessoa falecida, pois é importante que o infante compreenda o que está acontecendo e que compreenda também as emoções que afloram neste momento.

Neste sentido, Del Prette e Del Prette (2007, p.119) asseguram que falar sobre os sentimentos e mostrar para a criança o que ela está sentindo são habilidades essenciais, pois de acordo com os autores "ajuda a criança a transformar uma sensação assustadora e incômoda em algo definível e natural, o que pode ter um efeito calmante imediato". Isto porque ao entender o que está acontecendo, ao ter suas dúvidas esclarecidas, a criança vai aos poucos assimilando o acontecido, o que facilita o processo de aceitação.

Segundo o que afirma Hisatugo, (2000), a maior parte das pessoas adultas tem receio de falar sobre a morte com as crianças, o que acaba gerando uma comunicação inadequada. Para a autora, é comum que o adulto comunique o falecimento através de indiretas ou "termos antigos", que são utilizados com o intuito de trazer conforto, mas que podem gerar o efeito contrário. "Usar metáforas para explicar a morte é um erro que prejudica a criança a entender, confundindo-a e muitas vezes aterrorizando-a" (HISATUGO, 2000, p.13). A explicação se deve ao fato de que a criança tem um modo "mágico" de pensar, o que gera muita confusão em relação ao uso das metáforas, fazendo com que a criança entenda estas metáforas no sentido literal.

Entre os termos comumente utilizados, Hisatugo (2000), destaca “sono eterno” e “viagem eterna”. A autora assegura que ao falar para uma criança que alguém descansará para sempre, ela poderá fazer uma associação incorreta. “Descansar parece ser bom, mas há um clima de sofrimento (o luto) frente a este descanso” (HISATUGO, 2000, p.18). Esta associação resultará em prejuízos, podendo fazer com que a criança desenvolva problemas para dormir ou tenha terrores noturnos, medo do escuro, entre outras coisas, isto porque a criança poderá relacionar o sono com algo ruim, gerando confusão.

O termo “viagem eterna”, por sua vez, pode levar a criança a ficar confusa em relação às viagens de ida e volta, dando-lhe a falsa esperança de que se a pessoa viajou, ela pode voltar. “Ao se sugerir a morte relacionada com uma viagem, o adulto poderá aumentar o medo da criança de ser abandonada pelos demais, temer ficar sozinha, passear, brincar fora de casa, viajar” (HISATUGO, 2000, p.18). Ao se frustrar, quando perceber que a pessoa falecida não voltará, a criança poderá se sentir abandonada, frustrada e com raiva.

Paiva (2011) argumenta que cada criança possui um julgamento particular a respeito da morte e este conceito será formado a partir de vários fatores, dentre os quais o autor menciona a idade, seu contexto social, escolar e familiar e sua formação intelectual. É importante frisar que a individualidade de cada criança faz com que cada uma expresse, ao seu modo, os seus sentimentos. Cada criança possui um modo de controlar tais sentimentos. Logo, é imprescindível que o adulto, ao comunicar o falecimento de alguém, leve em conta a subjetividade desta criança, optando sempre por explicações claras. O ideal, embora seja uma tarefa dolorosa, é que esta comunicação seja objetiva e rápida.

A este respeito, Paiva (2011) destaca que, ao não comunicar a morte de forma adequada, o adulto estará erroneamente subestimando a criança, e mesmo que o intuito seja protegê-la do sofrimento, impedirá que a criança olhe para a realidade da vida e compreenda que as perdas fazem parte da existência humana. O autor sugere que o adulto não sabe lidar com o fato de ter que falar sobre a morte com as crianças, entendendo que a morte é algo incompatível com o universo infantil. Entretanto, inevitavelmente, a criança sentirá a perda, não será privada da dor e poderá ficar confusa, sem saber o que de fato está ocorrendo ao seu redor.

Cabe ressaltar que o impacto do luto, assim como acontece com pessoas adultas, pode ser devastador na vida da criança. Neste sentido, de acordo com o que afirma Worden (2013), pode ocorrer o que o autor chama de “luto complicado”. Esta possibilidade de luto complicado, que necessitará de intervenção profissional, está diretamente ligada ao tipo de relação do enlutado com a pessoa falecida e com a relação desta pessoa com o mundo. O apoio especializado se faz necessário para que o enlutado consiga elaborar e se adaptar à nova realidade, quando se trata de crianças é essencial que se crie um vínculo e que o profissional tenha sensibilidade.

Convém destacar que, na clínica infantil, é essencial proporcionar um espaço onde a criança possa expressar seus sentimentos e se sinta livre para se comunicar, sem julgamentos. Ao oferecer este ambiente livre e acolhedor, o terapeuta contribuirá de forma expressiva para o bom andamento da terapia, permitindo que a criança apresente comportamentos mais adaptativos frente a situações difíceis e apresente melhoras significativas. Segundo Skinner (1991, p. 1), a terapia comportamental “promove a saúde comportamental no sentido de que ajuda as pessoas a se comportarem bem, não no sentido de ter boas maneiras, mas de forma a construir comportamentos fortes, removendo reforçadores desnecessariamente negativos e multiplicando os positivos”. O que significa dizer que a terapia visa realçar os comportamentos almejados, isto é, construir comportamentos fortes, saudáveis, que tornam o indivíduo mais adaptativo.

O acompanhamento a uma criança enlutada requer paciência por parte do profissional. É essencial que a criança se sinta acolhida e segura, para que se adapte ao ambiente terapêutico e consiga criar vínculo com a relação terapêutica. Para Rocha (2015), quando uma criança é conduzida para atendimento psicológico, é frequente a demonstração de comportamento oprimido e desconfiado, uma vez que acredita que o terapeuta atue da mesma forma que os demais adultos que fazem parte de sua vida. E o terapeuta deve atuar de modo a compreender o mundo da criança.

Segundo Kovács (2007) a psicoterapia com crianças que vivenciam o luto exige cuidados especiais em relação à comunicação, ressaltando que esta não é restrita a uma conversa verbal. Por isto o terapeuta deve se reinventar a fim de escutar esta criança, o que é dito com palavras e o que é dito de outras formas. O contato deve

ser livre de julgamentos e o espaço terapêutico deve ser livre para a expressão de sentimentos.

Neste sentido, há uma série de recursos lúdicos que proporcionam maior leveza ao processo terapêutico. De acordo com Monteiro e Amaral (2020), o emprego de estratégias lúdicas é essencial na clínica infantil, pois além de permitir a inclusão da criança na terapia, torna o processo dinâmico. O lúdico facilita o processo, tornando-o mais eficaz, sendo a utilização de livros e filmes uma opção vantajosa. Segundo Vasconcelos (2005), ao ter contato com livros e filmes, a criança tem a possibilidade de compreender vários aspectos que lhe são apresentados, e, sobretudo, expressar suas próprias opiniões, o que de acordo com o autor, pode proporcionar reflexões e entendimentos relevantes.

5 UTILIZAÇÃO DO CINEMA E DA LITERATURA NA CLÍNICA ANALÍTICO COMPORTAMENTAL

Rocha *et al* (2015) afirmam que há uma série de recursos terapêuticos que podem ser utilizados no processo de intervenção, tais como artesanato, jogos, fábulas, poemas, música, livros e filmes. Todos estes meios são opções viáveis, capazes de tornar o processo terapêutico mais leve, além de garantir resultados satisfatórios, especialmente com o público infantil.

Segundo os autores supracitados, a utilização de filmes no contexto clínico não é recente, entretanto, ainda é pouco difundida no meio científico. Trata-se de um recurso válido para todas as abordagens. Para fazer referência ao uso do cinema em um contexto terapêutico, Berg-Cross, Jennings e Baruch (1990) cunharam o termo “cinematerapia”. Os autores defendem que o efeito terapêutico desta prática ocorre quando o paciente assiste ao filme e quando há uma discussão a seu respeito.

Para Del Prette (2008), o uso do cinema é um recurso facilitador para inúmeras demandas, principalmente no treino de habilidades sociais. Hesley (2001) aponta que as principais vantagens deste recurso são: a alta aderência, fácil acesso, maior disponibilidade de interação, familiaridade com o cotidiano, encorajamento ao cliente,

fornecimento de modelos frente a situações aversivas e maior facilidade de expressão de sentimentos.

Neste sentido, Oliva *et al.* (2010) afirmam que o recurso melhora significativamente a comunicação entre paciente-terapeuta, a compreensão mais profunda de sua personalidade e a alteração de comportamento como efeitos terapêuticos importantes observados a partir do uso de filmes.

Helsey e Helsey (2001) e Solomon (1995), sugerem alguns cuidados que o terapeuta deve se atentar ao utilizar estes recursos, como por exemplo: trazer o filme/livro adequado que atenda a uma demanda específica; trabalhar adequadamente para que o cliente esteja preparado para assistir ao filme ou realizar a leitura do livro; é importante que o cliente esteja atento aos sentimentos, emoções, percepções despertadas pela história; se possível, é importante que ele anote para discussões posteriores; e principalmente, é essencial que o cliente se atente às mudanças ocorridas ao longo do filme ou livro.

Nesse sentido, Jou (2013) apontou que ao realizar a leitura de uma história, se a criança for sensibilizada por algum comportamento, sentimento ou ação de um personagem, ela tenderá a repetir tal feito. Isto é, ao se deparar com um personagem empático, a criança estimulará sua empatia, se a história envolver a solução de problemas ou mistérios, como despertar o raciocínio das crianças sobre o comportamento do personagem, a leitura estimulará o domínio cognitivo e a capacidade de resolver conflitos. Da mesma forma acontecerá com o luto, a criança irá se deparar com um personagem que está enfrentando a dor de perder alguém, e possivelmente, se reconhecerá neste personagem. A partir daí, observará a forma como o luto foi elaborado e de que maneiras o personagem lidou com a dor.

Coelho (2006) argumenta que a utilização de filmes e livros para crianças no setting terapêutico é uma importante ferramenta. Por ser uma atividade lúdica prazerosa, logo a criança se sentirá relaxada e aprenderá padrões de comportamento dos modelos da história contada. O autor destaca que o uso do cinema e da literatura, na psicoterapia possui expressivo potencial de habituação comportamental, que pode ser eficaz, além de ser uma opção aos métodos convencionais utilizados.

5.1 ANÁLISES DAS OBRAS CINEMATOGRAFICAS

5.1.1. Up: altas aventuras

Trata-se de uma animação norte-americana, lançada pelos estúdios Pixar, em maio de 2009, sob a direção de Pete Docter. A animação conta a história do vendedor de balões Carl Fredricksen. Carl conheceu Ellie ainda na infância. Ela, retratada como uma menina muito alegre e falante, ele, por sua vez, mais calado e introspectivo.

A animação mostra os dois se aproximando cada vez mais, apaixonando-se e casando-se. Ambos tinham espírito aventureiro e eram grandes admiradores e fãs do desbravador Charles Muntz. A frase de efeito de Ellie era “a aventura está lá fora”. O maior sonho do casal era explorar o mundo, viajando em um balão, especialmente, desbravar *Paradise Falls* (Paraíso das Cachoeiras), na Venezuela.

O filme retrata os dois restaurando a casa que residiriam, e em muitos momentos felizes, apesar de várias dificuldades retratadas ao longo do filme, como por exemplo, o aborto sofrido por Ellie e o fato de que não podiam ter filhos. Ao longo do filme, percebe-se que o casal vivia economizando para realizar a viagem dos sonhos, entretanto, inúmeras situações de emergência faziam com que os planos se frustrassem e as economias fossem usadas para outros fins.

A vida do casal é marcada por muita união e felicidade, apesar de todas as adversidades, até que, já idosos, Ellie acaba falecendo, deixando Carl viúvo. A partir daí, ele torna-se uma pessoa solitária, sem seu grande amor. É visto como um velho ranzinza, que vive isolado em sua casa. A animação mostra que o personagem evita convívio com outras pessoas, mostrando as tentativas de um garotinho escoteiro chamado Russell de se aproximar de Carl.

O garoto tenta contato com o idoso por diversas vezes, na esperança de prestar serviço a um idoso, e desta forma conquistar sua medalha, mas este apenas o ignora. Ocorre que, em determinado momento, a casa de Carl vira um empecilho para uma imobiliária, que quer demoli-la para construir um edifício no terreno e então tenta persuadir Carl, que é irredutível e não aceita a proposta, uma vez que a casa (juntamente ao álbum de memórias do casal) é sua maior lembrança de Ellie e da vida que ali compartilharam.

Em uma das tentativas de negociação, ele acaba acertando sua bengala em um funcionário da construtora, e todos o vêem como um perigo, alegando que está agressivo e precisa ser interditado, e então decidem interná-lo em um asilo. Diante desta situação conflituosa, Carl decide agir de maneira criativa, a fim de salvar sua casa e fugir da internação, e então põe em prática o seu grande plano: viajar e desbravar o mundo a bordo de sua própria casa, que ele enche com balões, tornando-a um objeto voador.

Já nas alturas, Carl tem uma surpresa: descobre que o garoto Russel está a bordo, e de imediato começa a pensar em maneiras de se livrar do garoto, entretanto, os dois vivem juntos muitas aventuras. Ao aterrissar no paraíso das cachoeiras, a dupla se depara com situações perigosas, emocionantes e divertidas, tais como a descoberta de uma ave rara, grande e colorida, a quem Russel batiza de Kevin e um cachorro chamado Dug, que fala graças a um dispositivo que traduz seus pensamentos; além de enfrentarem um vilão, que para decepção de Carl é seu grande ídolo Charles Muntz, que é obcecado por capturar o grande pássaro colorido.

Ao perceber que o desbravador quer aprisionar a ave, Carl e Russell tentam fugir a fim de salvar Kevin, mas Muntz coloca fogo na casa de Carl e prende Kevin e Russell. Carl consegue salvar sua casa das chamas e a coloca no Paraíso das Cachoeiras, realizando assim o sonho antigo de Ellie, mas deixando Russell para trás. Ao abrir o livro de aventuras que ele e Ellie guardavam suas lembranças, Carl se depara com um agradecimento escrito por ela, onde a esposa incentiva-o a viver uma aventura sem ela.

Motivado por este último desejo, Carl decide ir atrás de Russell, com a ajuda de Dug, conseguindo salvar o garoto e Kevin, e deixando Muntz para trás. Com a ajuda do dirigível de Muntz; Dug, Carl e Russell conseguem levar Kevin (que na verdade é uma fêmea) de volta à sua família e a seus filhotes, e depois voltam para a cidade, deixando a casa no lugar que Ellie sempre sonhou, no paraíso das cachoeiras. Dug passa a morar com Carl. Russell enfim ganha sua medalha de honra dos escoteiros. Entretanto, no dia da honra ao mérito, seu pai não comparece, então Carl cumpre o papel e com muito orgulho, entrega a medalha ao garoto, juntamente com uma tampinha de refrigerante que Ellie lhe deu no dia que se conheceram. Após a

aventura, Carl volta a ser mais feliz e motivado, torna-se voluntário no grupo dos escoteiros, mantendo um forte e verdadeiro vínculo com Russell.

O quadro abaixo faz uma análise funcional, a respeito do processo de luto vivenciado pelo personagem Carl. Em seguida, foi realizada uma análise, pontuando os principais eventos, comportamentos e mudanças ao longo da história, focando na maneira em que Carl enfrentou o luto.

QUADRO 3- Análise funcional Up: Altas aventuras

| EVENTO | COMPORTAMENTOS | CONSEQUÊNCIAS |
|----------------|----------------|-------------------------------------|
| Morte de Ellie | Agressividade | Suposta perda da casa e internação; |
| | Isolamento | Solidão / Infelicidade; |

Fonte: elaborado pela pesquisadora

O filme retrata Ellie como uma pessoa muito comunicativa. O oposto de Carl, que era mais introspectivo. Na cena do casamento este fato é explorado, sugerindo que o meio em que cresceu influenciou e moldou os comportamentos introspectivos de Carl, sua família era mais reservada, calada e tradicional; ao passo que a família de Ellie era expansiva, descontraída e muito alegre, fato que fica explícito quando a união é oficializada e o casal se beija, há uma grande diferença na reação de ambas as famílias.

Assim sendo, ao se casar com Ellie, Carl acaba sendo influenciado, e se torna mais leve, mais sonhador e descontraído, ambos se completavam, desfrutando de uma vida feliz, compartilhavam muitos momentos bons, além do companheirismo retratado nos momentos difíceis; juntos tinham um sonho, que apesar de não ter sido realizado por Ellie, era algo que trazia felicidade e esperança ao casal.

Após a perda de Ellie, Carl se isolou, passou a viver de maneira solitária, evitando contato com outras pessoas. Apegava-se de maneira excessiva às lembranças que tinha da amada (a casa e o livro de memórias), ignorando o mundo externo. Após a perda, Carl deixou de viver, não tinha hobbies, não tinha uma vida

social, e sua vida virou uma sucessão de dias iguais, conforme é apresentado no início da animação.

Convém observar que a tristeza frente a uma perda é plausível, natural. Além de se tratar de um momento delicado para Carl, há o agravante de que a companhia de Ellie era um importante reforçador em sua vida. Conforme já mencionado anteriormente, as reações frente às perdas são mais dolorosas quando os reforçadores positivos da vida do enlutado dependiam do falecido para serem produzidos, conforme aponta Torres, (2010). Neste caso, Carl era dependente da alegria de Ellie, de sua companhia, que o trazia leveza e alegria, Ellie era o que dava sentido a vida de Carl, que não conseguiu lidar com essa perda.

O luto de Carl demorou a ser elaborado. Contudo, entende-se que o tempo de elaboração do luto varia de acordo com vários aspectos, sendo muito particular para cada um, e que deve ser respeitado. Ocorre que seus comportamentos o levaram a viver infeliz e solitário fato que tornou o luto muito mais complicado. Outro comportamento retratado no filme é a agressividade de Carl. Movido pela raiva que sentia, agrediu uma pessoa diante de uma injustiça. Não conseguiu se controlar e acabou sendo violento, o que gerou uma consequência quase irreversível: a perda da casa e sua internação. Somente após se deparar com essa possibilidade de perder a casa e ser internado em um asilo é que Carl agiu, já que se viu sem saída, e não conseguiu lidar com o fato de perder sua maior lembrança de Ellie: sua casa.

Após o evento, ele decidiu salvar a casa e ao mesmo tempo realizar seu maior sonho, explorar o mundo a bordo de um balão, e assim o fez. Desta situação, Carl viveu inúmeras aventuras e acabou, mesmo contra sua vontade, tendo que conviver com outra pessoa e outras criaturas, porque até então, era solitário e “ranzinza”. A história tem desdobramentos incríveis e mostram que, ao final, sua amizade com Russell foi essencial. Somente quando ele se permitiu viver essa aventura e se abrir a novas possibilidades é que o luto foi elaborado. É importante observar que a lembrança de Ellie continuou presente em sua vida, tanto é, que o que o motivou a salvar Russell, foi um bilhete deixado por Ellie no livro de memórias, onde a esposa pedia que Carl fosse viver aventuras sem ela, e assim ele fez, salvou seus amigos, voltou para a civilização e adotou Dug, que foi um grande companheiro durante a aventura.

Ao retornar, Carl havia se transformado, e o antigo Carl, companheiro de Ellie parecia ter revivido, uma parte sua que ele isolou estava de volta, e desta forma, passou a ter uma vida mais feliz, ainda sentia saudades, mas entendeu que a vida continuava e que era preciso viver, até mesmo como uma homenagem a Ellie.

Ao analisar esta obra, em um contexto clínico, há muito que ser explorado. O terapeuta pode mostrar a criança enlutada sobre a importância da socialização neste período, isto é, apontar que a amizade com Russel e Dug foi essencial ao processo de elaboração do luto de Carl, destacando que, ao se isolar, ao silenciar seu sofrimento, a dor, além de não passar pode ser maior, resultando em uma série de consequências. A respeito da importância da rede de apoio, Brown e Harris (1989) destacam que por meio dos laços afetivos, é que se torna possível enfrentar o processo do luto. A socialização torna-se fundamental durante esta vivência. A este respeito, Sayegh (2016) afirma que ao dividir as dores com pessoas próximas, ao se permitir ser consolado e estar próximo das pessoas com as quais se sente bem, o indivíduo se sentirá acolhido e à vontade para se expressar, o que é uma estratégia assertiva para lidar com uma perda dolorosa.

Outra possibilidade de trabalho terapêutico a partir do filme é a demonstração da importância de realizar os sonhos, de continuar sonhando e fazer o que se gosta, pois, assim como Carl, uma pessoa enlutada precisa ter sonhos, hobbies e interesses, e que Ellie nunca seria esquecida e nem deixaria de ocupar um importante espaço em sua vida. A este respeito, Worden (2013, p. 29) assegura que não é necessário esquecer-se do ente querido, mas é preciso ressignificar este espaço ocupado, segundo o autor, isto “[...] permitirá ao enlutado ficar conectado a ela, mas de um modo que não o impedirá de seguir o rumo de sua vida”. O autor afirma ainda que este novo espaço que a pessoa ocupará, esta nova relação deve ser harmônica com a realidade da pessoa enlutada e com a fase em que está vivendo.

5.1.2 Viva: a vida é uma festa

O longa-metragem de animação é ambientado numa aldeia rural, interior do México. Tudo começa com uma mulher sendo abandonada pelo marido, que é a trisavó de Miguel, o personagem central da história. O trisavô de Miguel abandona a

família para ir atrás do seu sonho: ser cantor. Diante deste fatídico e trágico acontecimento, a família abomina a música, e geração após geração é proibida de falar em música, e principalmente cantar ou tocar qualquer instrumento.

Porém, Miguel nasce com o dom de cantar, e a música é sua paixão, sendo o cantor já falecido, Ernesto de la Cruz, seu maior ídolo e inspiração. Mas sua avó o proíbe de viver este sonho. Somente sua bisavó (Mamá Inez) o incentiva a cantar e tocar violão, mesmo não conseguindo se comunicar através de palavras, ela demonstra muita felicidade e emoção em vê-lo cantar.

No Dia dos Mortos (*Día de los Muertos*), Miguel vê uma oportunidade: participar do show de talentos e mostrar sua música. Convém ressaltar que esta data é um importante feriado do México, onde se tem a tradição de enfeitar os túmulos com velas, flores, incensos e presentes e fazer shows nos cemitérios, com várias atrações. Estes shows são dedicados às pessoas falecidas, pois, segundo a crença, os homenageados neste dia, voltam para visitar seus familiares e amigos. Entretanto, somente os mortos que são lembrados conseguem obter esta permissão de visita à terra.

Miguel é impedido por sua família e se revolta, fugindo para então participar escondido do show de talentos. Por não ter um instrumento, ele acaba roubando um violão do túmulo de seu ídolo e recém descoberto avô, Ernesto De La Cruz. Ocorre que, após o furto, Miguel é transportado para a Terra dos Mortos. Miguel vive muitas aventuras neste universo paralelo, e faz amizade com uma caveira, que se apresenta com o nome de Hector, que promete ajuda ao garoto para conhecer Ernesto, uma vez que ele precisa da bênção de seu avô, para conseguir voltar ao mundo dos vivos.

Entretanto, Hector pretende aproveitar-se da situação, pois, se Miguel voltasse ao mundo dos vivos e se lembrasse dele, o mesmo obteria o passe para visitar seus entes queridos, algo que ele já não consegue, pois não era lembrado por ninguém do mundo dos vivos. Vale lembrar que ao longo do filme, algumas pessoas deste mundo paralelo desaparecem para sempre quando não são lembradas pelos vivos.

Miguel conhece seu ídolo e avô e fica em êxtase e vive muitos momentos grandiosos de felicidade ao lado de seu avô. Entretanto, o filme tem uma reviravolta, e um segredo é revelado: Ernesto, é na verdade uma pessoa aproveitadora e vaidosa, que fora muito cruel, em vida, roubando a fama e arruinando a vida de uma pessoa,

Hector. Miguel descobre que ambos tinham uma dupla musical e faziam muito sucesso, entretanto, Hector decidiu voltar para a família, Ernesto não aceitou o fim da dupla e decidiu livrar-se do companheiro, envenenando-o. Hector morreu e deixou a família, que acreditou por anos que este os havia abandonado.

Com a ajuda da trisavó de Miguel, e ex-mulher de Hector, que também pertence ao mundo dos mortos, eles conseguem provar a inocência de Hector e desmascarar Ernesto, fazendo com que Hector volte a ter paz e sua antiga companheira o perdoe. Miguel, por sua vez, com a benção de seu verdadeiro avô, retorna ao mundo dos vivos, onde conta toda a história para a família, que acredita, pois Mamá Inez consegue confirmar a veracidade dos fatos narrados por Miguel. Desta forma, Miguel pode viver seu sonho de ser cantor e a família consegue ter paz, perdoadando o trisavô Hector, que passa a ser lembrado e vive feliz no mundo dos mortos, ao lado de sua esposa e sua filha (Mamá Inez), que ao fim do filme faz a passagem para o mundo dos mortos. O filme acaba com toda a família de Miguel, no cemitério homenageando, com muito amor, todos os entes falecidos, incluindo Hector.

A respeito dos principais eventos que compõem a história, será realizado uma análise funcional, em forma de tabela, nomeando as principais consequências resultantes de tais ações. Posteriormente, será realizada uma análise enfatizando os principais pontos observados no filme.

QUADRO 4- Análise Funcional

| EVENTO | COMPORTAMENTOS | CONSEQUÊNCIAS |
|--|--|---|
| Hector “abandona” a família para viver da música | Evitação: A música é banida da família; | Revolta; Amargura; |
| Rituais | Homenagens às pessoas falecidas; Decoração dos túmulos; Oferecimento de músicas, pinturas, flores e etc. | Despedida saudável; Entendimento de que a morte é uma passagem natural |

Fonte: elaborado pela pesquisadora

Esta análise, diferente das anteriores, não tem como único evento, a morte, embora seja o tema principal abordado na animação. O filme aborda também uma mágoa que foi passada de geração em geração, isto porque, a família acreditava que

Hector havia abandonado a família para viver seu sonho de ser um cantor famoso; ocorre que a história não havia sido assim, e tudo só foi descoberto quando Miguel “viajou” para o mundo dos mortos.

Aborda-se, entretanto, algo que costuma acontecer diante de uma perda, o comportamento de evitação, isto é, com o intuito de proteger a criança, o adulto costuma silenciar um assunto, ao invés de debater, comunicar de forma clara, e muitas consequências negativas podem decorrer. No filme, a avó de Miguel, por ter ouvido a vida toda que o trisavô, pai de Mamá Inez, havia abandonado a família por causa da música, acabou perpetuando uma mágoa, que quase desestruturou a família.

Neste sentido, é possível fazer uma analogia a respeito da evitação, demonstrando a importância do diálogo na família e da continuidade das tradições. Por exemplo, se a pessoa falecida gostava de cantar, contar histórias ou qualquer outra coisa, a tradição pode ser mantida, não há motivos para evitar ou cessar o hábito, respeitando o tempo de cada um, uma vez que, ao fazer algo que era importante para o ente querido, a criança poderá sentir-se próxima desta pessoa, de uma forma saudável.

Ademais, o filme possui uma mensagem muito importante a respeito da relevância dos rituais, e para isso, adentra na cultura mexicana, que acredita que a morte é uma passagem natural, e que no dia dos mortos, é possível que as pessoas falecidas visitem o mundo dos vivos. Sobre a importância dos rituais, Kovacs (2007) assegura que é indispensável convidar a criança a participar dos rituais e compartilhar sentimentos e memórias. De acordo com a autora, falar sobre o assunto não impedirá a dor, nem a eliminará, entretanto, a criança se sentirá acolhida. Desta forma, o psicólogo poderá incentivar a criança a despedir-se da pessoa falecida.

O filme mostra que no Dia dos Mortos, é comum que haja apresentações culturais de várias naturezas para as pessoas falecidas, a fim de homenageá-las e mantê-las vivas, de certa forma. Assim, a criança poderá usar sua criatividade através da música, dança, escrita, pintura, da arte em geral, para homenagear a pessoa que perdeu. De acordo com Villasenor e Concone (2012), a celebração ao dia dos mortos tem um papel social muito importante, que vai além da beleza da cultura, pois é uma

forma de preparar as pessoas, em especial as crianças, para a difícil realidade da morte, uma vez que se trata de um evento inevitável, inerente a existência humana.

Além disso, a mensagem mais importante do filme está no fato de que, para a pessoa falecida não deixar de existir, e perder sua identidade para sempre, é essencial que as pessoas vivas se lembrem dela. No filme era preciso lembrar-se da pessoa falecida através de gestos como: falar sobre a pessoa, fazer homenagens a ela, e principalmente colocar fotos no túmulo, pois somente assim, o falecido obteria o passe para visitar a família no dia dos mortos. Desta forma, é possível mostrar a criança que a pessoa falecida, sempre fará parte de sua história. Neste sentido, Arantes, (2016) aponta que esta perda refere-se somente ao corpo físico, pois tudo que foi ensinado e vivido ao lado da pessoa falecida continuará vivo na lembrança. A autora retrata que, se o vínculo que foi rompido em decorrência da morte, era baseado em amor genuíno, existirá muita dor, entretanto, é este sentimento que trará acalento.

Entende-se que, o enlutado, ao elaborar o luto de forma saudável, desenvolverá um novo repertório comportamental que seja compatível com a nova realidade, entretanto, a pessoa sempre fará parte da vida da criança, e esta, poderá falar sobre a pessoa ou seus sentimentos sempre que desejar, mostrando que, ao manter vivas as lembranças, ela manterá, de forma simbólica, a pessoa próxima de si, tal qual o filme retrata.

5.1.3. O Rei Leão

Relançado em 2011, o clássico “o Rei leão” conta a história de Simba, cujo pai, Mufasa, era o rei da selva. Simba, a família e os outros animais viviam harmoniosamente nas terras do reino, sendo o rei muito sábio e justo com seu povo, respeitando cada espécie animal. O rei ensinava ao filho essas lições sobre o ciclo da vida, a importância de cada animal, e a responsabilidade de um rei, além de ensiná-lo a caçar, o rei o alertava também onde não devia ir jamais, sinalizando terras muito perigosas.

O irmão de Mufasa, Scar, por sua vez, era um leão cruel e ganancioso, que sonhava em assumir o reinado. Certo dia, ele convenceu o sobrinho Simba a ir até às terras proibidas, alegando que somente os leões muito corajosos tinham a bravura de

ir ao local. A fim de provar sua coragem, Simba pediu permissão à mãe para passear com a amiga Nala, sem revelar onde pretendia ir, a mãe permitiu o passeio, com a condição de levar o pássaro conselheiro e amigo da família, Zazu. Simba despistou Zazu por alguns minutos e chegou ao local proibido.

Entretanto, tratava-se de uma emboscada armada pelo tio Scar; havia três hienas prontas para matá-lo, sob a ordem de Scar. No momento em que as hienas iriam atacar, Mufasa aparece e salva Simba e Nala. As hienas fugiram e Mufasa ordenou que o pássaro conselheiro levasse o filho e a amiga Nala para casa, chamando a atenção do filhote, por tê-los desobedecido, pois o comportamento de Simba colocou sua vida e a vida da amiga em risco.

Ao ver que seu plano fracassou, Scar preparou outra emboscada: levou o sobrinho até um desfiladeiro, dizendo que preparou uma surpresa, deixando o sobrinho no meio de um bando de gnus. Scar, dando prosseguimento ao plano, avisou ao irmão que Simba corria perigo. Mufasa mais uma vez conseguiu salvar o filho, mas acabou morrendo pisoteado pelos gnus. Scar assistiu à cena, ignorando os pedidos de socorro do irmão.

Scar então fez Simba acreditar que foi o responsável pela morte do pai e mandou-o embora para longe, orientando-o a nunca mais voltar para o reino. Além disso, Scar mandou as hienas irem atrás de Simba, para matá-lo. O leãozinho conseguiu, entretanto, se livrar das hienas, fugindo para longe, deixando Scar livre para assumir o reino, tomando o poder, tendo as hienas como aliadas.

Simba, depois de andar muito, chegou a um deserto, onde acabou desmaiando e foi socorrido por um suricate e um javali, Timão e Pumba, respectivamente. Simba conseguiu se reerguer, mas sentia-se extremamente culpado pela morte do pai. Porém, com a ajuda dos amigos, ele aprendeu a viver a vida sem preocupações, deixando o passado para trás, seguindo o lema de Timão e Pumba, “Hakuna Matata”, uma frase da língua suaíle, idioma falado na África oriental, que significa algo como “não se preocupe” (SIGNIFICADOS, Blog. 2019).

A música de Timão e Pumba é um clássico do filme e é cantada em alguns momentos da animação. Simba então “esquece” o passado e ignora as lembranças do reino e da morte do pai, passando a morar com os amigos, e fazendo apenas o que queria, sem responsabilidades. Ocorre que, em um passeio, Simba reencontra

Nala, sua amiga de infância, e ela insiste em saber o motivo que o levou a abandonar tudo. Simba por sua vez não conta à amiga o que realmente aconteceu.

A amiga, na esperança de persuadi-lo a voltar ao reino, conta a situação caótica em que o povoado se encontra, tendo Scar e as hienas no poder, relatando a falta de água, comida e o fato de que muitos animais foram obrigados a abandonar o local. Todavia, Simba é irredutível, pois, ainda que viva uma vida “feliz”, nunca se perdoou, por acreditar que foi o culpado pela morte do pai.

Somente ao encontrar Rafik, um feiticeiro, é que Simba se põe a refletir, pois Rafik faz com que o leão se lembre dos princípios ensinados pelo pai, a respeito da importância de todos os animais e de sua responsabilidade como futuro rei. Simba então retorna ao reinado e fica devastado ao ver a situação. É quando decide fazer algo e lutar para restabelecer a paz do local. Com a ajuda de sua mãe (que o reencontrou emocionada), sua amiga Nala, Timão e Pumba, e dos outros leões, ele desafia o tio Scar para uma luta.

Sem saída, o tio acaba confessando ser responsável pela morte de Mufasa. Simba sente-se ainda mais motivado a fazer justiça pelo pai e vence a luta; após a batalha, Scar e as hienas são expulsas do reino. Os animais então rodeiam Simba, que sobe até ao topo da Pedra do Rei, e assume seu lugar como o novo Rei Leão. A paz do reinado é restabelecida, e tudo volta a ser como antes. Simba enfim vive feliz, ao lado de sua família e amigos, colocando todos os ensinamentos do pai em prática. Diante do resumo da história, foi realizado um quadro de análise funcional, a respeito da morte de Mufasa, os comportamentos de Simbá e as principais consequências. A seguir buscou-se analisar, de forma mais aprofundada, de que maneira Simbá lidou com o luto.

QUADRO 5- Análise funcional- O Rei Leão

| EVENTO | COMPORTAMENTO | CONSEQUÊNCIAS |
|-----------------|----------------------|--|
| Morte de Mufasa | Evitação; Fuga | Viveu longe de sua família; Negação |
| | Esquiva | O povoado sofreu com um reinado perverso |

Fonte: elaborado pela pesquisadora

Na animação, todas as consequências foram resultantes das ações de Scar, que com seu plano perverso fez com que Simba tomasse e assumisse uma responsabilidade que não lhe cabia. Desta forma, o pequeno leão fugiu, no sentido literal e metafórico, uma vez que, ao fugir para terras distantes também fugiu de sua vida, isto é, assumiu uma postura despreocupada. Entretanto, foi apenas o recurso que encontrou para fugir da realidade e lidar com a culpa. Além disto, os amigos que o encontraram viviam de maneira “irresponsável”, sem preocupações. A dupla que vivia sob o lema “Hakuna Matata” se preocupava com o momento presente e focava na diversão, esquecendo-se dos problemas. Ressalta-se, porém, que Timão e Pumba foram essenciais na vida de Simba, que somente conseguiu se restabelecer ao focar neste estilo de vida dos amigos.

Assim sendo, é possível entender que após a morte do pai, a culpa o dominou e dessa forma ele apresentou comportamento de fuga, evitação e esquiva, vivendo uma negação. Uma forma de negação do luto é a esquiva de estímulos que tragam à realidade da perda. Simba de fato, se esquivou e fugiu do reino, evitando qualquer coisa que o lembrasse de seu passado, vivendo totalmente em negação, como se a história não lhe pertencesse. A este respeito, Torres (2010), afirma que em um processo de luto, são frequentes os comportamentos de fuga e esquiva em relação ao evento gerador de trauma, entretanto, esta negação pode dificultar o processo, fazendo com que o indivíduo não consiga elaborar a perda. Guilhardi (2002) aponta que nestes casos, é fundamental que o terapeuta vá aos poucos trabalhando para que o cliente se torne mais consciente e sensível às contingências atuais de sua vida, sem a pessoa falecida. O autor sugere que o terapeuta incentive gradativamente o cliente a ter contato com estímulos ligados a lembranças do falecido, sempre respeitando o tempo do cliente.

Os comportamentos apresentados por Simba geraram inúmeras consequências, tais como o fato de viver longe de sua mãe e de seus amigos. A esquiva à sua antiga vida e as suas responsabilidades como sucessor do pai, no reino, causaram verdadeira devastação, embora caiba ressaltar que tudo isso foi causado por uma mentira advinda dos planos de seu tio, que conseguiu assumir o reinado com a fuga de Simba.

Simba somente conseguiu voltar ao reinado quando de fato enfrentou a realidade, o que aconteceu quando o feiticeiro o fez lembrar dos ensinamentos do pai e dos princípios ensinados por esse. E então, diante das coisas narradas pela amiga Nala, Simba retornou ao povoado, onde conseguiu vencer o tio, que assumiu ter sido o responsável pela morte de Mufasa, fazendo com que Simba se livrasse da culpa, retomasse suas responsabilidades e voltasse para a vida que havia sido privado, trazendo uma série de benefícios para si e para a comunidade, aplicando tudo o que o pai lhe ensinara.

Em um contexto clínico, vale destacar que Simba convivia com uma culpa que não era sua; no caso em específico, a culpa que sentia fazia parte do plano do tio, Scar. Essa é uma analogia válida para abordar a culpa que a criança pode sentir em relação a perda de alguém. Em vista disso, Nascimento, Amorim e Porto (2015), destacam que esta culpa, seja ela real ou irracional, é resultante da falsa ideia de que algo poderia ser feito, ou ainda, a criança pode entender que de alguma forma, foi responsável pela morte dessa pessoa. Cabe ao psicólogo mostrar que esta culpa, assim como no caso de Simba é ilógica, não corresponde aos fatos, e os comportamentos resultantes deste sentimento irreal podem ser prejudiciais, assim como foram para Simba e sua família.

Vale observar que somente quando Simba encarou a realidade, abandonando a ideia de abandonar os problemas e viver somente o presente é que o luto foi elaborado, isto porque, embora seja um princípio válido e saudável, era excessivo, e fugir da realidade não faz com que os problemas de fato, deixem de existir. Somente assim ele conseguiu dar continuidade à sua vida, realizando o seu sonho e o sonho de seu pai: assumir o papel de rei, trazendo paz ao reino e a si mesmo.

5.2 ANÁLISE DAS OBRAS LITERÁRIAS

5.2.1 O vovô não vai voltar

O livro de Carmem Beatriz Neufeld e Aline Henriques Reis, lançado em 2015, é narrado em terceira pessoa e conta a história de Pedro, uma criança de 7 anos, descrito como um menino muito alegre, uma de suas atividades preferidas é jogar

xadrez com o avô, a quem ele é muito apegado. Ocorre que o avô de Pedro fica doente e acaba não resistindo. A mãe de Pedro dá a notícia ao filho, que reage com incredulidade, raiva e tristeza, dizendo à mãe, em lágrimas, o quanto ele amava o avô e que não queria tê-lo perdido.

Diante da notícia, Pedro começa a levantar vários questionamentos, indagando à mãe, se ela e o pai também irão morrer. A mãe então calmamente explica à criança, que a morte chega para todos. Ele então relata muita angústia, dizendo que sente um nó na garganta, um aperto no coração, e que não quer perder os pais nunca, ao que a mãe nomeia os sentimentos da criança, da forma mais amável possível, dizendo que a preocupação que ele sente está relacionada ao medo de perder alguém que se ama, mas que sempre que o filho se sentir preocupado e aflito com isso, é para lembrar-se de que os pais sempre estarão prontos para ouvi-lo e cuidar dele.

Pedro questiona se o avô está sentindo dor, e a mãe o tranquiliza, dizendo que o avô não sente mais nada. Pedro também questiona se verá o avô novamente, ao que a mãe esclarece que não será possível ter a presença física, entretanto, as boas lembranças sempre existirão, e que ele sempre poderá falar sobre o avô, cantar as músicas que ele gostava, e que o xadrez sempre o lembrará de como ambos eram amigos.

Pedro então abraça a mãe e chora, dizendo que está muito triste e queria muito o avô com ele. A mãe explica que não tem problema chorar, que ficar triste faz parte deste processo, e o avisa que haverá uma despedida para o avô, explicando a ele sobre o velório e o enterro, perguntando se o filho deseja ir à despedida. Pedro concorda e diz à mãe que fará um desenho para o avô. Durante o velório, Pedro coloca o desenho no caixão do avô e chora muito, os pais o explicam que chorar é preciso neste momento.

Durante o enterro, Pedro sente-se culpado e pergunta à mãe se o avô tinha morrido por culpa dele, explicando à mãe que certa vez, o avô fez uma brincadeira e Pedro ficou bravo e brigou com o avô. A mãe explica que é normal, em qualquer relação que haja brigas, é normal, em alguns momentos sentirmos raiva das pessoas ao nosso redor, mas que isto não causa a morte das pessoas. Após o enterro Pedro contou à mãe que estava se sentindo enraivecido, que não conseguia parar de ter raiva porque queria o avô perto dele.

A mãe então explicou a ele que também sente raiva, pois é muito difícil aceitar a perda de alguém que tanto ama, e que sempre que ela sente raiva, lembra do pai e se sente grata por tudo que viveu. O filho questiona sobre o que é ser grato, e a mãe o explica que é ser feliz por algo de bom que lhe acontece, e que Pedro aos poucos se sentirá grato por ter tido um avô tão bom.

Nos dias que se seguem, Pedro fica triste, chora e vai com a avó, algumas vezes, ao cemitério para ver o túmulo do avô, onde ele e a avó choram juntos de saudade. Com o passar do tempo, Pedro volta a brincar e vai aos pouquinhos retomando suas atividades. Quando se lembrava do avô, falava em voz alta sobre as coisas que mais gostava no vovô e o que tinha aprendido com ele.

Certo dia, na escola, Pedro viu uma amiguinha chamada Julia, chorando, inconsolável, ao que ela contou a ele e à professora que estava muito triste, pois seu cachorrinho Kiko havia morrido. Pedro então acalma a amiga e diz a ela que entende o que ela está sentindo, pois se sentiu muito triste quando perdeu o avô, relatando todas as vezes que chorou e que viu a mãe chorando, explicando à amiga, que quando a gente chora, a gente se acalma.

Pedro então abraçou a amiga, que chorou ainda mais. Quando ela se acalmou, Pedro perguntou sobre as coisas que mais sentia falta a respeito de Kiko, Julia então fez uma lista das coisas que ela mais amava no seu fiel companheiro, dizendo que o que a deixa triste é saber que nunca mais o verá. Pedro concorda e diz à amiga que isso é realmente triste, e que quando perdeu o avô pensou que se sentiria triste para sempre, mas que aos poucos, foi ficando feliz novamente, e que se lembra o quanto foi feliz com o avô. Revela que guarda uma foto do avô no quarto, que sempre olha a foto, e que quando sente saudades, vai fazer alguma coisa que os dois gostavam de fazer juntos e que essa é a homenagem dele ao avô. A professora concorda com Pedro e lembra à Júlia, que ela sempre terá a lembrança dos momentos felizes com o amiguinho, e que mesmo quando ela tiver outro animal de estimação, Kiko sempre fará parte de sua história.

Sobre a história narrada, realizou-se uma análise funcional, a respeito dos principais comportamentos de Pedro. Em seguida, realizou-se uma análise minuciosa, buscando demonstrar como o luto foi vivido e elaborado

QUADRO 6: Análise funcional- O vovô não vai voltar

| EVENTO | COMPORTAMENTOS | CONSEQUÊNCIAS |
|--------------|---|---|
| Morte do avô | Choro; Inquietação; Inúmeros questionamentos. | Entendimento sobre várias angústias; acolhimento de sua dor, raiva. |

Fonte: elaborado pela pesquisadora

Após tomar conhecimento da morte do avô, Pedro é invadido por uma avalanche de sentimentos, que incluem raiva, culpa, tristeza profunda e saudade. O principal comportamento apresentado pelo personagem é questionar, Pedro expressa tudo o que sente, e não se intimida ao perguntar e tentar entender o que está havendo, uma vez que a morte é algo desconhecido para ele até então.

De início, Pedro questiona a respeito de como é a morte, se o avô irá voltar se será possível visitá-lo, se o avô ainda sente dor; a mãe então o explica que não será mais possível ver o avô, e que a morte é o fim da existência física, logo, o avô não sentirá mais nada, nem dor. Pedro indaga se os pais também vão morrer, ao que a mãe o explica que a morte é algo que acontecerá um dia, para todas as pessoas, mas o tranquiliza, ao dizer que as pessoas que ele ama não irão “sumir” de sua vida, de uma vez, deixando claro que ele sempre poderá falar com ela ou com o pai, quando se sentir angustiado a este respeito. Pedro sente-se culpado, sugerindo que talvez a morte do avô tivesse sido culpa sua, ao que a mãe esclarece que a culpa era irreal, não havia motivos para que ele se responsabilizasse por algo natural e irreversível como a morte.

Pedro expressa muita tristeza e explica que tem vontade de chorar, a mãe o acolhe e lhe explica que chorar faz bem, ajuda a aliviar a angústia. Ele relata sentir raiva também, pois não é justo não ter mais seu avô para brincar e jogar xadrez com ele. E a mãe lhe esclarece que é normal se sentir assim, dizendo que também fica irritada, mas quando se sente assim se apegando às boas lembranças e se sente grata por ter tido um pai tão amoroso. Neste momento ela explica o conceito de gratidão, dizendo ao filho que é um sentimento de felicidade e reconhecimento pelas coisas que se tem. Este trecho pode ser utilizado para mostrar à criança a importância de ser grato, de aproveitar cada momento e de usar estas boas lembranças de forma a aliviar a raiva. Sobre a raiva e a tristeza no processo de luto, Worden (1998), assegura que

a tristeza é o sentimento predominante, entretanto, a raiva é às vezes, manifestada quando a pessoa não consegue expressar sua tristeza através do choro. De acordo com o autor, trata-se de um sentimento gerador de muitos conflitos, trazendo confusão à pessoa enlutada. Para Santos (2019), durante a vivência do luto, a raiva pode ser a raiz dos maiores problemas, pois desencadeia outras emoções, fazendo com que o enlutado se sinta culpado.

Nesta passagem, nota-se a importância de mostrar a criança que é normal se sentir assim, que a raiva faz parte do processo, mas que ela pode chorar e pode compartilhar seus sentimentos, a fim de dividi-los com alguém, que ela pode falar sobre a pessoa que morreu, ou sobre o que está sentindo, mostrando a importância de expressar os sentimentos. A este respeito, Neto e Savoia (2003), afirmam que expressar sentimentos é importante, e ao deixar de se expressar, a criança poderá colocar sua saúde em risco. Os autores argumentam que há maneiras assertivas de se expressar raiva, rancor, mágoa, irritação.

A mãe explica sobre o ritual de despedida do avô, esclarecendo como é um velório e um enterro, deixando-o livre para decidir se gostaria ou não de participar, ao que Pedro expressou o desejo de despedir-se e homenagear o avô, fazendo um desenho para ele, a mãe o encoraja a fazer, explicando a importância da despedida e da homenagem. A este respeito, Gontijo (2020) destaca que as cerimônias de despedida desempenham uma função importante na vivência do luto, funcionando como organizadores. Para ela, os rituais são dotados de afetos e peculiaridades. Ela explica que os rituais de despedida são um marco, e funcionam como um espaço de expressão pública do sofrimento, propiciando que o falecido seja lembrado. Dessa forma, ao participar do velório, Pedro pode expressar seus sentimentos e ao mesmo tempo, homenagear o avô.

O livro mostra que Pedro foi aos poucos se restabelecendo, voltando às suas brincadeiras e obrigações escolares, e que às vezes chorava, ficava triste, mas que conseguiu encontrar formas de canalizar essa dor, como por exemplo, olhar a foto do avô e brincar de algo que os dois gostavam de fazer juntos. Ao fim da história, Pedro consola uma amiga que perdeu o animal de estimação, mostrando-lhe tudo que aprendeu durante seu próprio luto e auxiliando a amiga a enfrentar a dor da perda. Fora a história rica em reflexões, entendimentos sobre a dor do luto, que pode ser lida

nas sessões de terapia, a fim de gerar discussões e diálogos entre a criança e o terapeuta, o livro conta ainda com exercícios com grande potencial de ser utilizado na clínica infantil para a elaboração do luto.

5.2.2 Mas por quê? A história de Elvis

A narrativa infantil, contada em terceira pessoa, escrita por Peter Schossow, e lançado em 2008, conta a história de uma garotinha, que no início do livro anda pela rua, com uma mochila, descrita como “uma enorme bolsa vermelha, do tempo da vovó” repetindo por muitas vezes “por quê?”. A garotinha tem um olhar inconformado e as pessoas ao redor ficam sem entender o que se passa com ela. Até que um dos amigos, que acompanham a cena, indaga o motivo pelo qual ela se encontra tão inconformada, eis que ela abre a bolsa e, mostrando um animalzinho morto, relata que seu canarinho Elvis (que recebeu o nome por cantar tão bem quanto o astro Elvis Presley) acabara de morrer. Todos ficam comovidos, soltando várias exclamações, como “pobrezinho”; “cantava tão bem”, eis que alguém sugere que seja feito um enterro, e assim se faz.

Organizam o funeral, com direito a incenso, velas, flores e um lanche. Todos se sentam e dão início a cerimônia, e então a garotinha enlutada começa a descrever o quanto Elvis fora importante, destacando sua bela cantoria. Todos choram e imaginam o Elvis se encontrando com seu ídolo Elvis Presley, a lembrança fez com que todos rissem, apesar de estarem todos tristes e comovidos. Ao fim do livro, a garotinha se mostra mais conformada e em paz, depois de prestar essa homenagem ao seu amigo, e de falar sobre ele e o quanto foram amigos.

Sobre o processo de luto vivido pela personagem, foi elaborada uma análise funcional, apresentada pelo quadro abaixo. Em seguida, elaborou-se uma análise levando em conta todo o processo vivido por ela.

QUADRO 7- Análise funcional “Mas por que? A história de Elvis”

| EVENTO | COMPORTAMENTOS | CONSEQUÊNCIAS |
|--------|----------------|---------------|
|--------|----------------|---------------|

| | | |
|----------------|--|---|
| Morte de Elvis | Indagações, Indignação e inquietações; Realização de um ritual de despedida. | Acolhimento das angústias; Expressão de sentimentos; Despedida adequada |
|----------------|--|---|

Fonte: elaborado pela pesquisadora

O livro conta a história de uma garotinha que não se conforma com a morte de seu canarinho de estimação, a qual ela batizou de Elvis em homenagem ao ídolo. Inicia-se com a garota andando pela rua, repetindo “por quê?”. Seus amigos, sem entender questionam o que se passa com ela, eis que a garota conta que seu canarinho morreu, e demonstra muita indignação; demonstrando estar em uma espécie de negação e raiva. A respeito da confusão que a criança pode vivenciar diante da morte, Aberastury afirma que “A criança não conhece muito bem como é o processo da morte, mas experimenta a ausência que ela vive como abandono” (Aberastury, 1984, p.135). Por isso se faz essencial que haja um diálogo esclarecedor, um espaço onde a criança possa ouvir e ser ouvida.

Aqui observa-se uma criança com muitas dúvidas e muita necessidade de se expressar. Ela encontra-se perdida, sem saber como agir e recebe acolhimento. O livro narra, de forma delicada e com uma escrita leve, que a cerimônia que foi carinhosamente sugerida, é realizada, com todos os detalhes. Apesar de estarem todos emocionados e tristes com a perda, conseguiram sorrir com as lembranças de Elvis, e também choraram, o que demonstra a expressão do que sentiam.

A garota pode falar sobre o que Elvis representava em sua vida, destacando suas qualidades e idealizando como seria o encontro dele com o ídolo Elvis Presley; e como foi demonstrado, tudo o que foi dito foi acolhido e respeitado. Um importante ponto que merece destaque é o fato de que, os amigos acolheram sua dor, e não a invalidaram, entendendo que Elvis era mais que um animal de estimação, mas uma parte importante na vida da garota. A este respeito, é essencial que o adulto se atente, respeitando o espaço que o animal ocupa na vida da criança, o psicólogo, em especial deverá acolher essa dor.

Neste ponto, é importante destacar que cabe aos adultos respeitar o que a criança tem a dizer, logo, a imaginação criativa da criança deve ser acolhida e o julgamento deve ser deixado de lado. No contexto terapêutico, é importante, inclusive, reforçar essa criatividade. O psicólogo poderá mostrar à criança, através da história

de Elvis, que ela pode se expressar livremente, e verbalizar tudo o que sente e imagina deixando sua imaginação fluir livremente.

A respeito de deixar a criança expressar-se e falar sobre a morte ou a pessoa que perdeu, Lima e Kovács (2011) chamam atenção para o fato de que as palavras da criança podem ser um facilitador no processo. Ao ouvir a criança, se poderá entender e internalizar certas coisas que a ajudarão a elaborar a dor. Os autores destacam que é preciso permitir que a criança estabeleça o “tom e o ritmo da conversa”. Por isso, é essencial respeitar a subjetividade e o nível de desenvolvimento em que esta criança se encontra. Conforme se observa na história, à medida que a garota foi falando, foi se acalmando e assimilando a perda. Desta forma, o psicólogo poderá mostrar a ela a importância de falar, e ir aos poucos, ajudando-a a expressar e nomear seus sentimentos, relacionados à perda, tais como tristeza, saudade, raiva, solidão etc.

Sobre a importância dos rituais, é interessante mostrar que o ritual de despedida é fundamental, pois, ao realizar a cerimônia, ela pode despedir-se e homenagear seu amigo. Assim sendo, é possível sugerir que a criança se despeça da maneira que se sentir confortável, entendendo que o ritual será importante para a elaboração saudável do luto.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As histórias contadas através do cinema e da literatura proporcionam a quem assiste, diversas reflexões. O espectador, ao observar os personagens, pode se identificar com suas vivências ou características. Ao acompanhar a trajetória dos personagens, é possível se sentir desafiado, motivado e acolhido, pois essas histórias oportunizam a expressão de sentimentos. Trata-se de um recurso lúdico, que funciona também como estimulação sociocultural, proporcionando a transmissão e propagação de culturas e saberes, além de funcionar como motivador de repertórios comportamentais desejados, pois se trata de um meio de transmissão de valores, crenças e inúmeros padrões de comportamento. O cinema e a literatura podem ser utilizados como importantes ferramentas lúdicas, entretanto, o psicólogo deverá estar atento e possibilitar que o paciente trabalhe de maneira pontual sobre um problema específico. Ao utilizar tal recurso, é essencial que o profissional conduza o processo de maneira a preparar o paciente para a história a ser contada. A escolha dos filmes ou livros será regida pelos comportamentos que se pretende moldar, ou quais lições pretende-se ensinar, logo, a história deve estar de acordo com a demanda do paciente, para tanto, é fundamental que o psicólogo já tenha conhecimento a respeito do repertório desta criança. Os livros podem ser lidos pelo terapeuta, ou pela própria criança, dependendo de sua idade. Ao realizar a leitura, é importante que o terapeuta seja dinâmico, a fim de prender a atenção desta criança. Se a leitura for extensa, pode ser dividido em sessões. Os filmes podem ser assistidos no setting terapêutico, e o psicólogo poderá explicar a criança o porquê da escolha do filme, incentivando-o a prestar atenção na história contada, em vista disso, é fundamental que a escolha do filme seja assertiva, compatível com a idade, de forma a facilitar o interesse do paciente pelo filme, para que a criança assista ao filme de forma prazerosa e não o encare como uma obrigação. O efeito terapêutico esperado começa a ocorrer quando a criança tem acesso à história e se identifica com os personagens e é otimizado no estímulo à discussão, que ocorre após as leituras ou as sessões de filmes. É importante observar que o processo de mudança que ocorre com os personagens durante a história é o ponto mais importante a ser analisado. Ao chegar ao fim desta pesquisa conclui-se que, embora seja um tema carregado de estigmas e tabus, falar

sobre a morte se faz necessário, uma vez que é um evento inerente a existência humana, portanto, ao se propor reflexões e diálogos sobre a morte, se cria a oportunidade de que as pessoas compreendam e aceitem o fim da vida, o que não significa dizer que a dor deixará de existir, mas permitirá que as pessoas se sintam preparadas para sentir essa dor, visto que, por vezes o luto é visto como patológico, quando na verdade, se trata de um processo necessário, pois, só é possível elaborar o sofrimento, se permitindo senti-lo. A maior dificuldade no que tange a escolha do tema está relacionada a falta de materiais voltados ao público infantil, pois se tem a falsa idéia de que, ao evitar o assunto com as crianças, estas estarão protegidas da dor, entretanto, como ficou evidente, as crianças sentem a perda e normalmente sofrem ainda mais devido a falta de comunicação. Num contexto terapêutico, a comunicação com uma criança enlutada deve ser adequada e acolhedora, pois trata-se de um momento profundamente sensível e doloroso, onde a criança experimentará sentimentos e emoções que nem sabe nomear. Desta forma, ficou evidente o valor contido nas histórias contadas através dos livros e filmes, pois é uma opção que permite que a criança se identifique com os personagens e possa se espelhar na trajetória destes, além de permitir que tenha acesso aos sentimentos deste personagem, proporcionando acolhimento. A pesquisa deixou claro o valor da arte para vários aspectos e momentos da vida do ser humano.

REFERÊNCIAS:

ABERASTURY, A. A percepção da morte na criança e outros escritos. Porto Alegre: Artmed, 1984.

ARANTES, Ana Cláudia Quintana. A morte é um dia que vale a pena viver. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2016.

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal . 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Barrett CJ, Schneweis KM. Uma busca empírica pelos estágios da viuvez. OMEGA - Journal of Death and Dying. 1981.

BATISTA, E. P. Uma Análise do Comportamento Governado por Regras em Filmes Infantis: possíveis propostas de intervenção na Terapia Analítico-comportamental infantil: IBAC, 2016. Disponível em <https://ibac.com.br/wp-content/uploads/2018/02/MONOGRAFIA-IBAC-Elisa-Pozzatto-Batista.pdf> Acesso em jan. 2021

Berg-Cross, L., Jennings, P., & Baruch, R. (1990). Cinematherapia: Theory and application. Psychotherapy in Private Practice.

BETTELHEIM, B. A Psicanálise dos Contos de Fadas. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

Blog. SIGNIFICADOS. Significado de Hakuna Matata. Significados: descubra e entenda diversos temas do conhecimento humano. 2 de agosto de 2019. Disponível em <<https://www.significados.com.br/hakuna-matata/>> Acesso em Agosto. 2021

BOUCHARD, Harvé. Harvey, como me tornei invisível. Editora Pulo do Gato, 10 junho 2013

Bowlby, J. (1990). Apego e perda. A natureza do vínculo (Álvaro Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1969).

BROW, J.W; HARRIS, T.O. Depression. Brown Gw, Harris T.O Editions. Life and events and Illnes. New York, 1989.

CALDIN, C. F. A função social da leitura da literatura infantil. Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, [S. l.], v. 8, n. 15, p. 47-58, 2003. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/15182924.2003v8n15p47>.
Acesso em Mai. 2021.

COELHO, L.S.G. Efeitos de Filme de animação em Encoprese Retentiva: Um Estudo de Caso em Ludoterapia Comportamental. XV enc. Brasileiro de psicoterapia e Medicina Comportamental. (ABPMC), 2006

COUTINHO, Sílvia. Precisamos falar sobre a morte. Revista Metrôpoles. Disponível em < <https://www.metropoles.com/materias-especiais/precisamos-falar-sobre-a-morte-isso-vai-te-ajudar-a-viver> > Acesso em set. 2021

DEL PRETTE, Almir; DEL PRETTE, Zilda. Psicologia das habilidades sociais da infância: teoria e prática. Petrópolis: Vozes, 2007.

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2009.

GONTIJO, Luciana. Luto: por que o ritual de despedida é importante? Minas Gerais- Estado de Minas- saúde, 01 de jun. de 2020. Disponível em
<https://www.em.com.br/app/noticia/bemiver/2020/06/01/interna_bem_viver,1151236/luto-por-que-o-ritual-de-despedida-e-importante.shtml> Acesso em set. 2021

Guilhardi, H. (2002). Autoestima, autoconfiança e responsabilidade. In M. Z. Brandão, F. C. Conte, & S. M. Mezzaroba, *Comportamento Humano – Tudo (ou quase tudo) que voce precisa saber para viver*. Santo Andre , SP: ESETec Editores Associados.

HESLEY, Jan. W.; HESLEY, John G. *Rent two films and let's talk in the morning: using popular films in psychotherapy*. Nova York: Wiley, 2001

HISATUGO, Carla Luciano Codani. *Conversando sobre a morte*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

HOSHINO, K. A perspectiva biológica do luto. In H. J. Guilhardi, & N. C. Aguirre, *Sobre Comportamento e Cognição*, vol 17 (pp. 313-326). Santo André : ESETec Editores Associados, 2006.

Jou, G. I. D. (2013). Narrativas infantis e teoria da mente. *Com Ciência*, (154), 1-6.

KOVÁCS, M. J. (Org.). *Temas em Psico-oncologia*. São Paulo: Summus, 2008.

KÜBLER-ROSS, E. *Sobre a morte e o morrer*. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

LUNARDELLI, F.; PIMENTA, M. A. de A. Conceitos junguianos aplicados à análise fílmica: o caso de "A história sem fim". *Revista de Estudos Universitários - REU*, [S. l.], v. 46, n. 1, p. 11–38, 2020. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/reu/article/view/3957>. Acesso em jun. 2021.

MARTIN, G.; PEAR, J. *Modificação de comportamento: o que e e como fazer*. 8. ed. São Paulo: Roca, 2013.

Monteiro, M. F., & Amaral, M. (2020). Terapia Comportamental Infantil: um panorama sobre o uso de estratégias lúdicas. *Perspectivas Em Análise Do Comportamento*, 10(2), 243-255. <https://doi.org/10.18761/PAC.2019.v10.n2.04>

NASCIMENTO, D. C. do; N., G. M.; AMORIM, C. A. de A. ; PORTO, T. H. Luto: uma perspectiva da terapia analíticocomportamental. *Psicologia Argumento*. Out./dez., 33(83), 446-458, 2015. Disponível em <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/viewFile/19593/18937>. Acesso em mai. 2021

NETO, Francisco Lotufo; SAVOIA, Mariângela Gentil. Dificuldades na expressão de opiniões e sentimentos. Quem não se expressa fica doente? In.: CONTE, Fátima Cristina. BRANDÃO, Maria Zilah da Silva. *Falo? Ou não falo? : Expressando sentimentos e comunicando idéias*. Arapongas: Mecenaz, 2003.

OLIVA, V. H., VIANNA, A.; NETO, F. L. Cinematerapia como intervenção psicoterápica: características, aplicações e identificação de técnicas cognitivo-comportamentais. *Revista Psicologia Clínica*, 37(3), 138-144, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rpc/v37n3/v37n3a08>. Acesso em 01 Set. 2021.

O Rei Leão; Direção: Jon Favreau. Produção: Disney, Estados Unidos, 2019. Disney Plus

Paiva, L. E. (2011). *Arte de falar de morte para crianças: a literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores*. São Paulo: Ideias e Letras.

PARKES, C. M. *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*. São Paulo: Summus Editorial, 1998.

PENAFRIA, M. Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s). VI Congresso SOPCOM, Abril de 2009. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/242758192_Analise_de_Filmes_-_conceitos_e_metodologias. Acesso em 23 Jun. 2021

POLLOCK, G. H. Mourning and adaptation. *International Journal of Psycho-Analysis*, 42, 341-361, 1961.

RABELO, André- Minutos psíquicos . A ciência do luto. Youtube, 09 jul. 2020. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=rSPKQUBIMUc>>.

REIS, Aline; NEUFELD, Carmen. O vovô não vai voltar. Edição padrão, Editora Sinopsys, 01 janeiro 2015.

ROCHA, V. V. S.; OLIVEIRA, M. C. F. A. de; GONÇALVES, F. F. G. O uso de filmes como estratégia terapêutica na prática clínica. Revista Brasileira De Terapia Comportamental E Cognitiva, v. 18 n. 1, 2016. Disponível em <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/desafios/article/view/826>. Acesso em jun. 2021.

RODRIGUES, J.C.1983. Tabu da morte. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

ROWLING, J. K.. Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban. Rio De Janeiro: Editora Rocco, 1999.

SAYEGH, Flavia. Revista Abrale online. É importante respeitar a sua dor- Precisamos falar sobre o luto- 19 de dezembro de 2016. Disponível em <<https://revista.abrale.org.br/e-importante-respeitar-a-sua-dor/>> Acesso em set. 2021.

SCHOSSOW, Peter. Mas por quê? A história de Elvis. Editora Cosac & Naify, 3 setembro 2008

Santos, S.S.C. (2003). Gerontologia e os pressupostos de Edgar Morin. Textos Envelhecimento,6(2). Rio de Janeiro (RJ). Recuperado em 01 agosto, 2012, de: <http://www2.scielo.org.br/scielo.php>.

SANTOS, Jaciara umburana. A terapia cognitivo-comportamental no tratamento do luto patológico, São Paulo, 2019. Disponível em <<https://docplayer.com/cetcc-centro-de-estudos-em-terapia-cognitivo-comportamental/>> Acesso em set. 2021

Skinner, B. F. (1991). Questões recentes na análise comportamental. Campinas: Papyrus.

TEIXEIRA, A. Expressividade emocional na elaboração do luto infantil: Um enfoque analítico-comportamental, 2003. Disponível em <http://newpsi.bvs-psi.org.br/tcc/AlyneTeixeira.pdf>. Acesso em 24 jun. 2021.

TORRES, N. Luto: a dor que se perde com o tempo (ou não se perde?). In GARCIA, M. R et al. Sobre Comportamento e Cognição: Terapia Comportamental e Cognitivas (Vol. 27, pp. 385- 393). Santo André , SP: ESETec Editores Associados, 2010.

Up: Altas Aventuras; Direção: Pete Docter. Produção: Disney, Estados Unidos: 2009. Disney Plus

VASCONCELOS, L. A. Interpretações analítico-comportamentais de histórias infantis para utilização lúdico-educativas. Humanidades. Brasília:. v. 1, p. 1-13. 2005.

VILLASENOR, R.L; CONCONE, M.H.V.B. (2012, agosto). A celebração da Morte no imaginário popular mexicano. Revista Temática Kairós Gerontologia,15(4), pp. 37-47, “Finitude/Morte & Velhice”

Viva: a vida é uma festa; Direção: Adrian Molina e Lee Unkrich. Produção: Pixar Animation Studios (Pixar), Estados Unidos, 2018. Disney Plus

WORDEN, J. W. Aconselhamento do Luto e Terapia do Luto. 4ª ed. São Paulo: Roca. 2013.

WORDEN. J. W. Terapia do Luto. 2ª Edição. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

ANEXOS

Biblioteca
Júlio Bordignon

RELATÓRIO DE VERIFICAÇÃO DE PLÁGIO

DISCENTE: Glenda Leane Corteze Soares**CURSO:** Psicologia**DATA DE ANÁLISE:** 11.10.2021

RESULTADO DA ANÁLISE

Estatísticas

Suspeitas na Internet: **3,8%**

Percentual do texto com expressões localizadas na internet ⚠

Suspeitas confirmadas: **0,47%**

Confirmada existência dos trechos suspeitos nos endereços encontrados ⚠

Texto analisado: **95,22%***Percentual do texto efetivamente analisado (frases curtas, caracteres especiais, texto quebrado não são analisados).*Sucesso da análise: **100%***Percentual das pesquisas com sucesso, indica a qualidade da análise, quanto maior, melhor.*Analisado por Plagius - Detector de Plágio 2.7.1
segunda-feira, 11 de outubro de 2021 20:00

PARECER FINAL

Declaro para devidos fins, que o trabalho da discente **GLENDA LEANE CORTEZE SOARES**, n. de matrícula **30659**, do curso de Psicologia, foi **APROVADO** na verificação de plágio, com porcentagem conferida em 3,8%, devendo a aluna fazer as correções necessárias.

*Herta Maria de Açuena do N. Soeiro***HERTA MARIA DE AÇUCENA DO N. SOEIRO**
Bibliotecária CRB 1114/11
Biblioteca Júlio Bordignon
Faculdade de Educação e Meio Ambiente